

Escrever é um exercício de criação e liberdade, respeitando um conjunto de constrangimentos. Deste ponto de vista, é uma alegoria da própria vida.

João Pedro Aido

“**Escrever** é aprender a tirar partido do jogo de subversão da língua e, nessa mesma instância, desenvolver a capacidade de domínio da sua estrutura e do seu funcionamento.”

In Yaguello, Marina (1997). *Alice no país da linguagem*. Lisboa: Editorial Estampa, p. 9.

Escrever é infringir regras (e seguir outras). Como diz Nabokov acerca do conto “A senhora com o cão”, de Tchekov:

“Todas as regras tradicionais de contar histórias foram infringidas com esta maravilhosa história de vinte e poucas páginas. Não há problema, clímax nem ponto no final. E é uma das mais notáveis histórias alguma vez escritas.”

In Prose, Francine (2007). *Ler como um escritor*. Cruz Quebrada: Casa das Letras, p. 252.

Apresentação

Nome da sequência: *Escritos de acaso e regras*

Contexto: estratégias para trabalhar a coesão e a coerência textual na produção escrita de sequências textuais narrativas, descritivas ou conversacionais, ou em textos líricos

Anos de escolaridade: 4.º, 6.º e 9.º anos

Duração estimada: 2 sessões de 45 minutos e uma de 90 minutos

Domínio: Escrita

Competências: escrita; CEL/gramática; leitura

Resultados esperados no final da sequência: produzir sequências narrativas, descritivas ou conversacionais, ou textos líricos, distinguindo aspetos de coesão e coerência.

Roteiro

Atividade 1: *O acaso dos dados*

Competências: *Escrita e Conhecimento Explícito da Língua/gramática*

Descritores de desempenho: *Escrever com correção ortográfica e de pontuação; Escrever textos diversos* (MC, 4.º, 6.º, 9.º anos); *Verificar a correção linguística* (MC, 5.º e 6.º anos); *Dar ao texto a estrutura e o formato adequados, respeitando convenções tipológicas e (orto)gráficas estabelecidas* (PPEB, 3.º ciclo; MC, 7.º, 8.º e 9.º anos).

Conteúdos associados: *Pontuação e sinais auxiliares de escrita, ortografia* (PPEB, 3.º, 4.º e 6.º anos); *Língua padrão; Texto escrito* (PPEB, 2.º ciclo); *Convenções e regras para a configuração gráfica* (PPEB, 3.º ciclo); *Coesão e coerência* (PPEB, 1.º, 2.º e 3.º ciclos).

Atividade 2: *N+ 7*

Competências: *Leitura, Escrita e Conhecimento Explícito da Língua/gramática*

Descritores de desempenho: *Procurar informação em suportes de escrita variados, segundo princípios e objetivos de pesquisa previamente definidos* (MC, 4.º ano); *Procurar, recolher, selecionar e organizar informação, com vista à construção de conhecimento* (MC, 6.º ano); *Relacionar a estruturação do texto com a construção da significação e com a intenção do autor* (MC, 9.º ano).

Conteúdos associados: *Pesquisa, registo e organização da informação* (PPEB, 3.º e 4.º, 5.º e 6.º anos); *Coesão e coerência* (PPEB, 1.º, 2.º e 3.º ciclos); *Intertexto / intertextualidade* (PPEB, 3.º ciclo).

Atividade 3: *De retângulo em retângulo*

Competências: *Escrita e Conhecimento Explícito da Língua/gramática*

Descritores de desempenho: *Planificar a escrita de textos* (MC, 4.º ano); *Construir dispositivos de encadeamento [...] que assegurem a coesão e a continuidade de sentido* (MC, 6.º ano); *Ordenar e hierarquizar a informação, tendo em vista a continuidade de sentido, a progressão temática e a coerência global do texto* (MC, 9.º ano); *Reconhecer propriedades configuradoras da textualidade: coerência textual, referência, coesão textual* (PPEB, 3.º ciclo).

Conteúdos associados: *Texto escrito; Planificação de textos* (PPEB, 3.º e 4.º anos); *Planificação, textualização, revisão* (PPEB, 2.º ciclo); *Plano do texto* (PPEB, 3.º ciclo); *Tipologia textual: texto narrativo e descritivo* (PPEB, 1.º e 2.º ciclos); *sequência textual narrativa e descritiva* (PPEB, 3.º ciclo).

Conhecimentos prévios (Atividades 1, 2 e 3):

Os alunos já procuram informação em suportes de escrita variados e seguem princípios e objetivos de pesquisa previamente definidos (4.º ano); São capazes de mobilizar o conhecimento da representação gráfica e da pontuação, na produção de textos diversos com coesão e coerência (6.º ano); Reconhecem classes de palavras (todos os anos a partir do 2.º); Sabem usar o dicionário (todos os anos a partir do 3.º); Elaboram textos diversos, respeitando a tipologia textual previamente definida (9.º ano).

ATIVIDADE 1

O acaso dos dados



A atividade “**O acaso dos dados**” pressupõe uma combinatória baseada no resultado aleatório do lançamento de um dado. Essa combinatória introduz regras que exploram a tensão entre ser uma sequência linguística autônoma (ser um texto), ser coerente, assegurar a manutenção de mecanismos de coesão, em particular pela forma intencional com que se pontua, e criar, ao mesmo tempo, por impor uma “ruga” determinada pelo número de palavras e de letras de cada palavra, o poder técnico de produzir instantaneamente poesia, como diz Octavio Paz (cf. “As palavras que vão surgir sabem de nós o que não sabemos delas”, p. 4 – in Viegas et al. (2015). Texto, gramática e ensino do Português. E-book. Lisboa: APP.)

Guião para o professor

Esta atividade é independente das atividades seguintes mas o seu conjunto constitui uma sequência didática de escrita que explora, em diferentes níveis de complexidade, questões de léxico e de sintaxe, de coesão e coerência, de géneros e modos textuais, de transformações poéticas e de técnicas narrativas.

No caso de “O acaso dos dados”, propomos uma experiência de aprendizagem da escrita pelo recurso a um dado de jogar, que tem um duplo papel: determinará as regras de construção do texto, eventualmente reduzido a uma única sequência linguística autônoma, e serve de mediador entre o aluno e a folha de papel – como se fosse um desbloqueador da criatividade ou um ‘inspirador textual’.

Tarefas:

1. O professor informa os alunos que vão realizar uma tarefa de escrita que tem três partes e uma duração de 45’: apresentação das regras do jogo; lançamento do dado; escrita do texto, com eventual recurso a dicionário; leitura em voz alta do texto produzido; aperfeiçoamento do texto, a partir da discussão entre os alunos e o professor, pondo em destaque a seleção de vocabulário, a conexão intrafrásica, os mecanismos de coesão textual, com destaque para a pontuação, e a coerência.
2. O professor apresenta aos alunos as regras do jogo: o dado será lançado duas vezes para cada aluno. Da primeira vez, o número que sair determinará o número de palavras do texto; da segunda vez, indicará o número de letras de cada palavra. Assim, por exemplo, a sequência 2-5 significa um texto com duas palavras, cada uma das quais com 5 letras. Por exemplo: “Comes carne?”
3. Cada aluno, com o recurso eventual a um dicionário, escreve o seu texto. Nesta fase, o professor deve chamar a atenção para a necessidade de as frases constituírem sequências autónomas que possam ser consideradas um texto e para o papel da pontuação. Um exemplo possível numa sequência de 2-2: “Tu?! Aí?”
4. Os alunos leem em voz alta os textos produzidos e o professor e os colegas colocam questões acerca de aspetos que não estejam corretos ou sejam pouco claros. Se necessário, pode haver uma reflexão gramatical a partir da escrita de um texto no quadro, tendo em conta, sobretudo, os aspetos da coerência e coesão textual, prestando atenção particular a parâmetros como a sintaxe e o léxico, mas sem descurar a ortografia.
5. Os alunos fazem a reescrita dos textos, melhorando os aspetos considerados menos felizes, e lendo depois a versão final à turma.

ATIVIDADE 2

N + 7

Nome | **Dicionário** + 7
nomes
depois

A atividade “N+7” inspira-se nas propostas combinatórias do grupo Oulipo (“Ouvroir de Littérature Potentielle”, que se pode traduzir por ‘Oficina de Literatura Potencial’). O grupo Oulipo, fundado em 1960 por Raymond Queneau e François Le Lionnais, juntou escritores e matemáticos, entre os quais Georges Perec, Italo Calvino, Oskar Pastior e Jacques Roubaud, e procurou novas estruturas e padrões, muitas vezes baseados em problemas matemáticos, para, com determinadas restrições e restritivas determinações, desencadear ideias literárias, a criatividade e a inspiração.

Duas das obras mais inspiradoras deste grupo são de Raymond Queneau: os Exercices de Style e a escrita de 10 sonetos que dão origem a Cent Mille Millions de Poèmes, que demorariam quase 200 milhões de anos a ler (sem parar) e parecem confirmar a hipótese de a arte ser um eco do riso de Deus, como diria Kundera.

Guião para o professor

Nesta segunda atividade, propomos o uso do dicionário para a reescrita de um texto dado a partir de uma regra, diretamente associada ao reconhecimento de uma classe de palavras. Essa reescrita pressupõe necessariamente a discussão das condições que vão levar o texto reescrito a ser coerente e, sobretudo, coeso, dado que a transformação vai criar uma tensão nos mecanismos de coesão textual, em particular pela manutenção das cadeias de referência e das conexões entre coordenadas de enunciação, e uma tensão nos processos de coesão sintática intrafrásica, sendo necessário, por isso, controlar ainda os mecanismos de concordância (em género, número e pessoa) e as propriedades de seleção de constituintes por determinados grupos sintáticos.

Tarefas:

1. O professor informa os alunos que vão realizar uma tarefa de escrita que tem cinco partes e uma duração de 45': apresentação das regras do jogo; leitura de um texto e reconhecimento de uma classe de palavras; reescrita do texto, com recurso a um dicionário; leitura em voz alta do texto produzido; aperfeiçoamento do texto, a partir da discussão entre os alunos e o professor, pondo em destaque, em particular, os mecanismos de coesão textual e o controlo da sintaxe.
2. O professor apresenta as regras do jogo: os alunos vão ler um texto selecionado (cf. Desenvolvimentos da sequência didática) e sublinhar todos os nomes encontrados; em seguida, vão reescrevê-lo usando a regra N+7: para isso, substituem todos os nomes (N) encontrados pelo sétimo nome encontrado depois dele num dicionário (+7).
3. Nesta fase da atividade é necessário ter presente que os alunos devem poder identificar num verbete de um dicionário abreviaturas como *n.m.* (ou até *s.m.*, se o dicionário for mais antigo), *n.f.*, *adj.*, *v.*, *adv.*, *interj.*, *quant.*, *pron.*, entre outras classes de palavras, de modo a só procurarem nomes e encontrarem o sétimo que vem a seguir no dicionário.
4. Cada aluno, com o recurso ao dicionário, reescreve o seu texto e faz as substituições e as transformações necessárias para manter o texto aceitável gramaticalmente.
5. Os alunos leem em voz alta os textos produzidos e o professor e os colegas sugerem correções acerca de aspetos que não estejam corretos. De novo, pode haver uma reflexão gramatical a partir da reescrita de um texto, tendo em conta, sobretudo, os problemas de sintaxe com implicações na coesão textual.
6. Os alunos fazem o aperfeiçoamento final dos textos.

ATIVIDADE 3

De retângulo em retângulo

A atividade “**De retângulo em retângulo**” aprofunda a exercitação das atividades anteriores com vista à escrita de textos com um maior domínio dos mecanismos de coesão e coerência. Neste caso, inclusive, até pela dimensão do texto e pela maior autonomia de escrita da parte do aluno, a atividade permite um maior reconhecimento das possibilidades literárias que um texto permite e uma maior consciência de como um texto funciona – a própria atividade permite esse ‘eterno retorno’ entre ler e escrever. No caso do exercício proposto, partimos de um conto do italiano Giuseppe Pontiggia, “Viagem à nascente do Nilo”, publicado em português na revista Ficcões, n.º6 (2002), e criamos os 9 retângulos apresentados à direita, que podem ser vistos como uma estrutura esquemática da narrativa que, por sua vez, será o ponto de partida da escrita de uma narrativa por parte dos alunos.

| | | | |
|-----------|-----------------|-----------|-----------------|
| de | verbo+nome+nome | em | nome+verbo+nome |
| | nome+nome+verbo | | verbo+nome+nome |
| | nome+verbo+nome | | nome+verbo+nome |
| | verbo+nome+nome | | verbo+nome+nome |

Guião para o professor

Nesta terceira atividade propomos a escrita de um texto de características narrativas a partir de uma nova regra, associada a um número definido de frases, metade das quais pré-determinadas na sua estrutura pela presença de três elementos obrigatórios: dois nomes e um verbo. Esta contingência pré-determinada cria uma tensão gramatical, retórica, temática e discursiva com a liberdade de gerir a ordem das frases e com a liberdade de as criar, recriar e transformar. É nessa tensão que se cria uma possibilidade de criação literária numa ‘fenda’ estética que não pode ser dissociada da possibilidade de sentido gramaticalmente construído, a partir da coerência (narrativa e descritiva) do discurso e do domínio dos mecanismos de coesão textual.

Tarefas:

1. O professor informa os alunos que vão realizar uma tarefa de escrita que tem cinco partes e uma duração de 90’: apresentação das regras do jogo; apresentação de um quadro com 9 retângulos, cada um dos quais ‘portador’ de um conjunto de 3 palavras: dois nomes e um verbo; escrita do texto, com recurso eventual a um dicionário; leitura em voz alta do texto produzido; revisão e aperfeiçoamento do texto, a partir da discussão entre os alunos e o professor, pondo em destaque, em particular, os mecanismos de coerência e de coesão textual e o cumprimento de técnicas narrativas.

2. O professor apresenta as regras do jogo: os alunos vão escrever um texto de características narrativas com 18 frases: 9 das quais com as palavras dos retângulos, dando cada retângulo origem a uma frase simples ou complexa, com o verbo flexionado, e 9 com vocabulário à escolha dos alunos; a ordem das frases retiradas dos retângulos é arbitrária e também é aleatória a ordem pela qual são articuladas as frases de constituição pré-determinada e as frases criadas livremente pelos alunos. Os 9 retângulos pré-definidos são os seguintes:

| | | |
|------------|--------------|----------|
| nascer | reviver | mão |
| parto | banheira | carregar |
| dores | amiga | costas |
| boca | comboio | elevador |
| água | experimentar | subir |
| respirar | emoção | vertigem |
| temporal | árvores | fixar |
| atravessar | rapaz | rapariga |
| demissão | tocar | desejo |

3. Cada aluno, com o recurso eventual ao dicionário, faz o plano do seu texto (a sua sinopse), tendo em conta um determinado ponto de vista (um narrador onisciente ou a perspectiva de uma personagem?) e uma determinada história, que deverá ter um princípio, um meio e um fim e colocar a personagem principal (ou os protagonistas) com um problema que dará origem a um conflito e à sua resolução.
4. Para isso, os alunos podem colocar questões às suas personagens e procurar dar-lhes algumas respostas. Por exemplo:
 - a. Quem é essa personagem?
 - b. Como é ela?
 - c. Que objetos são importantes para a sua vida?
 - d. O que é que a preocupa?
 - e. Onde é que ela vai e porquê?
 - f. Como é esse lugar?
 - g. Vai demorar-se quanto tempo?
 - h. O que vai fazer quando lá chegar?
 - i. O que pensam dela as outras personagens?
 - j. Que forças se vão opor aos desejos dela (a nível pessoal, familiar, profissional, social)?
 - k. Que coisas vão mudar por causa das decisões desta personagem?
5. Se necessário, o professor pode sugerir formas de começar a história:
 - a. Pela criação de uma atmosfera, eventualmente num contexto carregado de presságios e conotações;
 - b. Pela apresentação da personagem com a qual o leitor se vai identificar;
 - c. Pela delimitação do núcleo dramático, o ‘problema’ que ‘persegue’ a personagem.
6. Se necessário, o professor pode sugerir formas de concluir a história:
 - a. Pela criação de uma narrativa aberta ou fechada?
 - b. Ter em conta que, qualquer que seja a solução encontrada, ela deve *necessariamente decorrer* do problema inicial e da forma como a narrativa se desenrolou;
 - c. O final pode não ser positivo nem feliz, à imagem do que normalmente acontece na vida, mas a maioria dos leitores preferirá provavelmente que o final da história traga alguma esperança à vida da personagem.
7. Para os ajudar, o professor pode propor alguns exemplos já criados a partir deste núcleo de frases, de modo a induzir algumas ideias de narrativas aos alunos (cf. Desenvolvimentos da sequência didática).
8. Enquanto os alunos escrevem os seus textos, o professor circula e apoia-os na resolução de alguns problemas que sejam mais difíceis de resolver, quer ao nível da construção da história, quer ao nível da planificação da estrutura do texto, quer ao nível da própria textualização.
9. Os alunos leem em voz alta os textos produzidos e o professor e os colegas sugerem correções acerca de aspetos que não estejam corretos. De novo, deverá haver uma reflexão gramatical a partir de problemas detetados, tendo em conta, sobretudo, a configuração das sequências textuais (narrativas), o vocabulário e os aspetos de coerência, de coesão e de sintaxe considerados problemáticos (ou mais problemáticos).
10. Tendo em conta os aspetos anteriormente discutidos, os alunos fazem uma nova revisão e o aperfeiçoamento final dos textos.

DESENVOLVIMENTOS DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

ESCRITOS DE ACASO E REGRAS

ATIVIDADE 2 – N+7

1. A regra considerada (N+7) dá origem a textos de coerência mais problemática (mas também de maior carga metafórica, como se os problemas de coerência, que resultam de uma ‘pressão’ gramatical que fragiliza aspetos da coesão, dessem origem a rugas retóricas que tornam os textos mais poéticos), por isso, para alunos mais novos, por exemplo, podemos optar por variar a regra e fazer substituições de nomes menos afastados na lista do dicionário (e também menos afastados em termos de um hipotético campo lexical). Seria o caso de regras como N+2 ou N+3, por exemplo.
2. Por outro lado, a regra pode não ser ‘aditiva’, e podemos recuar na lista do dicionário em vez de avançar. Seria o caso de N-7, N-2 ou N-3, por exemplo.
3. A atividade pressupõe, como dissemos, o reconhecimento de classes de palavras, por isso pode ser feita com outras classes, de preferência abertas. Seria o caso de exercícios sobre adjetivos (Adj+7, Adj+3 ou Adj-2, por exemplo) ou verbos (V+7, V+4 ou V-3, por exemplo).
4. Exemplos de textos para trabalhar os nomes:

Ao dobrar a esquina da nossa rua, havia a loja do sr. Meyer, onde se compravam louças, vidros e brinquedos. O avô Markus e eu, raras vezes passávamos sem entrar: junto da caixa, o sr. Meyer, gordo e balofo, com uma corrente de ouro dupla a sair-lhe do bolsilho superior do colete e enroscando-se no último botão a contar de baixo. Com esta corrente bamboleando sobre a pança, a mão do sr. Meyer só deixava de brincar, ao responder ao caloroso aperto de mão do meu avô.

(...)

Sempre que o avô ou eu fazíamos anos, a avó cozia um bolo amarelo com passas e cerejas cristalizadas. Do dia de anos dela, parecia ter-se esquecido e o avô também.

No meu quarto aniversário, a senhora Gegenhoff, a vizinha, levou-me uma caminha de boneca, pintada de branco.

O Mundo em que Vivi, Ilse Losa

Moinhos ao vento! Eiras! Solares!
Antepassados! Rios! Luares!
Tudo isso eu guardo, aqui ficou:
Ó paisagem etérea e doce,
Depois do Ventre que me trouxe,
A ti devo tudo o que sou!

(...)

Caía a noite. Eu ia fora,
Vendo uma estrela que lá mora,
No Firmamento português:
E ela traça-me o meu fado
“Serás poeta e desgraçado!”
Assim se disse, assim se fez.

(...)

Lá vejo ainda a nossa Casa
Toda de lume, cor de brasa,
Altiva, entre árvores, tão só!
Lá se abrem os portões gradeados,
Lá vêm com velas os criados,
Lá vem, sorrindo, a minha Avó.

Viagens na Minha Terra, António Nobre

Os frades trataram-no com chás de raízes de flores, com pílulas de aloés, com xaropes de mel e vinho quente, com pós misteriosos e emplastros de farinhas e ervas. A febre foi baixando lentamente e só acabou de todo ao fim de um mês e meio. Então o Cavaleiro quis seguir viagem, mas estava tão fraco, magro e pálido que os frades não o deixavam partir.

Teve de esperar mais um mês no pequeno convento calmo e silencioso.

(...) No meio do claustro corria uma fonte e em sua roda cresciam cravos e rosas brancas. No céu azul, as andorinhas cruzavam o seu voo.

E das colunas, do murmúrio da fonte, das flores, das pinturas e das aves erguia-se uma grande paz como se os homens, os animais, as plantas e as pedras tivessem encontrado um reino de aliança e de amor.

O Cavaleiro da Dinamarca, Sophia de Mello Breyner Andresen

Na poesia,
natureza variável
das palavras,
nada se perde
ou cria,
tudo se transforma:
cada poema,
no seu perfil
incerto
e caligráfico,
já sonha
outra forma.

Sobre o Lado Esquerdo, Carlos de Oliveira

Um galo que canta, um cavalo que relincha,
um gato que volteia: a aurora.
Um lírio que se inclina, um limão que cai,
uma árvore que estala: meio dia.
As areias que azulecem, os fumos que sobem,
os amantes que se encontram: a noite.

Os Herdeiros do Vento, Anónimo Árabe

(In Pessoa, Joaquim (1984). *Os Herdeiros do Vento - Antologia Apócrifa*.
Lisboa: Litexa)

(...) E a tal hora e no meio de tal silêncio, o barquinho branco deslizava mansamente sobre a água tranquila do rio, onde as primeiras estrelas começavam de lampejar. Dentro dele, os dois irmãozitos silenciosos iam-se deixando enlevar naquele ruído suave de remos abrindo fendas nas águas... Não! era bem certo que eles não tinham jamais sentido uma tão poderosa e viva alegria – alegria doida que lhes transvazava do peito, fundindo-se em energia nos músculos e cristalizando-se nos lábios em sorrisos.

Abyssus Abyssum, Trindade Coelho

5. Exemplo de uma transformação a partir da atividade N+7, criando uma nova realidade poética, não uma história de amor, marcada por uma específica coesão e coerência temporais, mas um poema social com nítidos – por que não dizê-lo? – contornos políticos:

Um galo que canta, um cavalo que relincha,
um gato que volteia: a aurora.

Um lírio que se inclina, um limão que cai,
uma árvore que estala: meio dia.

As areias que azulecem, os fumos que sobem,
os amantes que se encontram: a noite.

Os Herdeiros do Vento, Anónimo Árabe

(In Pessoa, Joaquim (1984). *Os Herdeiros do Vento - Antologia Apócrifa*. Lisboa: Litexa)

Uma gama que canta, uma caverna que relincha,
uma gaveta que volteia: a autarquia.

Uma listra que se inclina, um limoeiro que cai,
um ascensor que estala: meio diácono.

As arestas que azulecem, as fundas que sobem,
os amargos que se encontram: a nomeação.

ATIVIDADE 3 – DE RETÂNGULO EM RETÂNGULO

1. Exemplos de textos criados numa oficina de escrita criativa a partir do núcleo de frases proposto nesta atividade, de modo a induzir algumas ideias de narrativas aos alunos, *ainda que alguns textos tenham sido produzidos a partir de um número mais reduzido de frases pré-determinadas*, o que pode ser uma alternativa interessante para alunos mais novos ou com mais dificuldades – ou ainda se o tempo disponível para realizar a tarefa for mais reduzido:

Começaram as dores do parto, chegou a hora de o bebé nascer. Cheguei à maternidade, subi de elevador e tive uma vertigem.

A música que aquele rapaz tocava, no meio das árvores do jardim, acalmou-me e ajudou-me a relaxar. Respirei calmamente, a água crescia-me na boca.

- Está na hora, vamos para a sala de partos, o doutor espera-a! – disse um médico calma e simpaticamente.

Foi preciso libertar o pé que estava preso nas costelas.

- Já está, D. Maria Teresa, pode fixar a rapariga, o seu desejo concretizou-se.

Rebentou um temporal, os relâmpagos atravessavam a janela do quarto, iluminando-o como se fosse dia e a Ana dormia tranquila e serenamente.

Teresa Gaspar, 4 de janeiro de 2014

Certo dia, uma bela rapariga fixou os olhos na estação e sentiu um desejo. Há muito que não viajava.

Ao ver o comboio, resolveu experimentar a emoção de viajar a alta velocidade. Estava sozinha, mas não importava.

Não levava água e com a boca seca mal conseguia respirar.

A velocidade fascinava-a mas, ao mesmo tempo, atormentava-a. De repente, sentiu uma mão que lhe carregava nas costas. Era o revisor a pedir-lhe o bilhete.

Maria Vaz, 4 de janeiro de 2014

A Clara chegou felicíssima à escola, já tinha uma maninha. Contou que a Rita nascera de parto normal e a mãe quase não tinha tido dores.

À tarde foi vê-la com o pai, que optou por levá-la de comboio para experimentar mais essa emoção. Chegados à maternidade, a pequena teve uma vertigem e, por isso, subiram de elevador. Tal era a ansiedade que nem sentiu a mão do pai carregar-lhe nas costas para sair.

À entrada do quarto ficou petrificada, ora olhando a mãe ora aquela bebé tão linda. Carinhosamente, a mãe chamou-a para junto da Ritinha e ela avançou em sua direção, abraçando-a.

Depois subiu para a cama e ficaram as três deitadas e caladas, só os olhos falavam...

Lúcia Ramalho, 4 de janeiro de 2014

Naquele comboio pude experimentar uma grande emoção... Nunca a tinha sentido anteriormente.

Ao fixar aquela rapariga enchi-me de desejo! Um desejo incontrolável... A rapariga olhou para mim com um olhar cor de mel... Senti uma vertigem como se estivesse a subir a Torre Eiffel.

Pela janela começava a entrar alguma aragem. E eu, sem respirar, de água na boca, continuei a viagem!

Maria José Peres, 4 de janeiro de 2014

A Luísa nasceu de parto prematuro na freguesia de Nossa Senhora das Dores. Era uma rapariga de ideia fixa e com um grande desejo: ser uma modelo famosa. Tinha, todavia, uma dificuldade em mão – peso em demasia – problema que carregava às costas.

Queria reviver o seu sonho e pediu ajuda a uma amiga, a Teresa, que morava na Baixa da Banheira.

Esta tinha uma figura esbelta que causava admiração. Telefonou-lhe mas, ao contrário do que era suposto, a amiga recusou a ajuda.

Por iniciativa própria inscreveu-se num ginásio e conseguiu recuperar a sua aparência elegante.

A etapa seguinte foi inscrever-se numa agência de modelos. Foi chamada para um *casting* e rapidamente alcançou sucesso no mundo da moda.

Otília Jorge, 4 de maio de 2014